

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO DA HISTÓRIA FILOSÓFICA DE HEGEL

Maurício Sérgio Bergamo¹

RESUMO

O artigo detém-se em mostrar algumas das principais considerações do método da história filosófica de Hegel. Esse método é desenvolvido pelo filósofo no segundo capítulo de sua obra, *A Razão na História*. Diferentemente do método da história filosófica, Hegel refuta o método da história universal e da história reflexiva por não estarem pautados na universalidade da razão. Por serem contingentes, ligados as particularidades mundanas, Hegel rechaça-os para desenvolver um método filosófico voltado a apreender a história em termos universais. Para fundamentar seu método filosófico da história, Hegel discerne sobre os estamentos da essência do espírito: subjetivo, objetivo e absoluto. A essência do espírito, nesse contexto, refere-se a Ideia de Liberdade. Ela, para torna-se absoluta e permitir com que a História do Mundo realize seu *têlos*, necessariamente, precisa perpassar pelos estados subjetivos e objetivos. Transposta pela vontade no mundo empírico em um primeiro momento, para, posteriormente, interiorizar-se novamente no âmbito lógico, a Ideia de Liberdade torna-se absoluta, se e somente se, for desvencilhada do domínio subjetivo e objetivo. No estado subjetivo a vontade é a responsável por exteriorizar a Ideia na realidade mundana. Em seu estado objetivo, para tornar-se absoluta, a ideia, necessariamente, precisa contemplar-se. Essa autocontemplação, por sua vez, refere-se ao movimento dialético da exteriorização à interiorização. Novamente no interior da consciência, a Ideia torna-se universal, perfeita. Por possuir esses atributos está ligada aos intentos da providência. Logo, apreender a História do Mundo através da universalidade da razão corresponde aos desígnios de Deus. Desta maneira, será pertinente investigar neste artigo, os conceitos básicos que Hegel utiliza para fundamentar o método da história filosófica, a saber: Espírito, Vontade e Ideia de Liberdade.

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Regional Integrada (2010). Pós-Graduado Lato Sensu em História da Ciência, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Erechim/RS, (2013). Pós-Graduado Lato Sensu em Epistemologia e Metafísica pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Erechim, (2015). Pós-Graduado Stricto Sensu, nível mestrado em Geografia, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão/PR. Acadêmico do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu, nível Doutorado, pela mesma instituição. Bolsista CAPES.

Palavras-Chave: Método da História Filosófica; Ideia de Liberdade; Vontade; Têlos.

COMMENTS ON THE METHODS OF PHILOSOPHICAL HISTORY IN HEGEL

ABSTRACT

The article aims to show some of the main considerations of the methods of the philosophical history in Hegel. This method is developed by the philosopher on the second chapter of his book *Reason in History*. Differently from the method of the philosophical history, Hegel refutes the method of the universal history and the reflexive history, as they are not guided in the universality of reason. Because they are contingent, connected to the mundane particularities, Hegel reject them to develop a philosophical method focused on the universal terms. To justify his philosophical method of history, Hegel discerns on the strata of the essence of the spirit: subject, object and absolute. The essence of the spirit, in this context, refers do an Idea of Liberty. To become absolute and allows the History of the World to accomplish its *têlos* it needs to go through the stages of subject and object. Transposed by the will in the empirical world in a first moment, to internalize itself again on the logical scope afterwards, the Idea of Liberty becomes absolute, if and only if, it is disentangled from the subject and object domain. In the subjective state, the will is responsible to externalize the Idea in the mundane reality. In its objective state, to become absolute, it needs contemplate itself. This self contemplation, on the other hand, refers to the dialectical movement from the externalization to the internalization. Once again, in the interior of the conscience, the Idea becomes universal, perfect. By having these attributes, it is connected to the intents of providence. Thus, understand the History of the World through the universality of reason corresponds to the designs of God. This way, It is relevant to investigate, in this article, the basic concepts that Hegel utilize to justify the method of the philosophical history, to know: Spirit, Will and Idea of Liberty.

Key Words: Method of the Philosophical History; Idea of Liberty; Will; Têlos.

INTRODUÇÃO

Georg Wilhelm Friedrich Hegel é considerado um dos mais importantes pensadores do séc. XVIII. Nascido em Stuttgart, Alemanha, em 1770, estudou teologia e filosofia. Interessou-se pelos problemas religiosos e políticos, simpatizando com o criticismo e com o iluminismo (REALE; ANTISERI, 2007).

Após sua morte em 1881, a herança filosófica de Hegel passou a receber inúmeras interpretações, muitas delas em caráter polêmico. Os muitos debates analíticos que transcorriam no âmbito intelectual, segundo Frederico (2001), estavam centrados no esclarecimento das contradições de seu pensamento político e na exegese filosófica referente a atualidade de suas obras. Essa situação é apresentada pelo autor da seguinte maneira:

De um lado, postava-se a alava conservadora, a direita hegeliana, que enfatizava o *sistema* de Hegel como uma realidade consumada e, através dele, procurava defender a monarquia prussiana. De outro, formou-se a esquerda hegeliana, grupo heterogêneo onde se incluía Marx, Engels, [...], Feuerbach, Cieszkowski [...]. A esquerda hegeliana rechaçava o sistema filosófico geral de Hegel e apegava-se ao *método dialético* deixado pelo filósofo. Do método procurava tirar desdobramentos revolucionários para o combate à monarquia prussiana. (FREDERICO, 1995, p. 21).

Para a ala conservadora, a direita hegeliana, o projeto filosófico de Hegel era interpretado e compreendido como um sistema ineficaz na apreensão de conhecimentos futuros. Por acentuar os processos racionais de ordem *a-priori*, situando o conhecimento objetivo em segundo plano, as críticas promovidas pela direita hegeliana ao sistema filosófico hegeliano, referiam-se à radicalização do racionalismo e do idealismo de Hegel.

Na *História da Filosofia*, Reale; Antiseri (2007, p. 151) destacam que:

No que se refere à política, a direita hegeliana sustentava, grosso modo, que o Estado prussiano, com suas instituições e suas realizações econômicas e sociais, devia ser visto como o ponto de chegada da dialética, como a realização máxima da racionalidade do espírito [...] Em substância: a direita propunha a filosofia hegeliana como justificação do Estado existente, ao passo que a esquerda, em nome da dialética, pretendia negar o Estado existente.

A esquerda hegeliana, ala que incluía Marx, Engels, Feuerbach e outros importantes eruditos, contestava a filosofia de Hegel, pelo fato de não promover, diretamente, um embate acionário contra o totalitarismo prussiano. Por esse motivo, a esquerda hegeliana, mesmo aderindo o método dialético de Hegel, considerava-o incompleto. Pois, “A própria totalidade, sem a inclusão do porvir, não era uma verdadeira totalidade e permanecia insuficiente, defeituosa e inacabada” (FREDERICO, 1995, p. 22).

Todavia, no prefácio da *Filosofia do Direito*, Hegel é visto por Frederico (1995), como um filósofo que não está preocupado com predicacões e especulações sobre o futuro e muito menos como um pensador ligado, de maneira direta, ao confronto corporal contra as posturas totalitaristas. Ao contrário, para o autor, uma das principais preocupações de Hegel é com o caráter metódico e sistemático da filosofia. Essa condição, pode ser percebida nas seguintes palavras:

“Insensato pretender que alguma filosofia possa antecipar-se a seu mundo presente [...]. Compreender o que é, é a tarefa da filosofia [...]. A filosofia é o próprio tempo apreendido pelo pensamento” (HEGEL *apud* FREDERICO, 1995, p. 22).

Mesmo ciente da importância política do sistema filosófico hegeliano e das infundas ressonâncias que teve seu projeto filosófico, neste artigo, será apresentado, o método filosófico utilizado por Hegel para sistematizar os conteúdos históricos do tempo. Em seu livro *A Razão na História*, Hegel desenvolve o método da *história filosófica*. Esse método, de acordo com Hegel (2001), vincula à história ao elemento universal: a razão humana. Vejamos a observação de Reale; Antiseri (2007) acerca da concepção de filosofia da história do filósofo:

A história é o ‘juízo’ do mundo e a filosofia da história é o conhecimento e a revelação conceitual dessa racionalidade e desse juízo. A filosofia da história é a visão da história do ponto de vista da *razão*, contrariamente à visão tradicional, que era a visão própria do intelecto. A história do mundo se desenvolve segundo um ‘plano racional’ (que a religião reconheceu com o nome de Providência), e a filosofia da história é a consequência desse plano. Por conseguinte, a filosofia da história torna-se ‘teodicéia’, ou seja, conhecimento da justiça divina e justificação daquilo que aparece como mal diante do poder absoluto da razão (p. 127)

Em conformidade com a exposição, Rosenfield (2005) destaca, que o termo *teodiceia*, a partir de Leibniz, visou significar o ordenamento divino do mundo, em que os fatos, por mais insignificantes e distantes que sejam entre si, necessariamente, devem seguir uma ordem ligada ao providencialismo. O ponto de vista do autor, referente a concepção hegeliana da história, é observado da seguinte maneira:

A história segue um curso espiritual, conceitual, apresentando-se, como a realização da ideia de liberdade. Ela consiste em um desenvolvimento segundo o qual etapas inferiores de evolução da humanidade são negadas e conservadas em seus estágios posteriores mais avançados. Isto é, a humanidade, se configura, se forma, nesse percurso, que será então considerado como o desenvolvimento do espírito (p. 15).

Os conteúdos da história, por estar vinculado aos propósitos da Providência, desdobram-se a partir da natureza de Deus. Através do curso dialético do espírito, a ideia transpõe-se, primeiramente, no estamento objetivo, posteriormente, regressando ao âmbito analítico, no estamento absoluto. A unidade lógica do absoluto, conforme destaca Rosenfield (2005), contrapõe-se a finitude devido a efemeridade do indivíduo pois, o curso lógico da razão humana na história, na perspectiva hegeliana, corresponde ao providencialismo. “Logo, é como se Deus se constituísse nesse processo eterno, nesse desenvolvimento atemporal, conhecendo-se e dando-se a conhecer esse percurso lógico. Ou seja, é como se expusesse sua própria essência no sistema da razão pura” (p. 60).

Em relação a *teodiceia* hegeliana, ao estreito vínculo entre religião e filosofia no método da história filosófica de Hegel, Reale; Antiseri (2007) afirmam o seguinte:

Antes e mais do que em política, a controvérsia teórica entre direita e esquerda hegeliana deu-se (pelo menos até Marx) em torno da questão religiosa. Hegel sustentara que tanto a religião como a filosofia têm o mesmo conteúdo, mas também disserta que a religião expressa esse conteúdo na forma de representação, ao passo que a filosofia expressa na forma de conceito. Consequentemente, pra Hegel, o verdadeiro conteúdo da religião devia ser retomado pela filosofia, transformado em conceitos, e portanto desaparecer enquanto verdade religiosa para torna-se razão filosófica.

Para entender as breves considerações apresentadas nesta introdução, o artigo está estruturado em duas seções. Na primeira, analisar-se-á, brevemente, algumas das principais críticas de Hegel ao método da *história original* e da *história reflexiva*. Posteriormente, na segunda seção, analisar-se o método da *história filosófica*. Diferentemente do método da *história original* e da *história reflexiva*, o método defendido por Hegel oferece ênfase a universalidade da razão, frente as contingências e as particularidades mundanas dos fenômenos históricos.

Nesse sentido, será pertinente investigar, os seguintes conceitos hegelianos: *Espírito*, *Ideia de Liberdade* e *Vontade*, para articulá-los à noção de história como ‘teodicéia’. Através desses conceitos, a História do Mundo, através da apreensão da razão humana, alcança seu *têlos*.

I. OS MÉTODOS HISTÓRICOS REFUTADOS POR HEGEL.

O método da *história original* está vinculado aos relatos míticos da Antiguidade Clássica, as narrativas dogmáticas dos eclesiásticos da Idade Média e as batalhas militares do Renascimento Europeu. As narrativas de Heródoto (484 a.C – 425 a.C) e Tucídides (460 a.C – 395 a.C), por exemplo, eram elaboradas a partir do uso de afirmações e de relatórios de outras pessoas. Não sendo produzidas de modo direto por seus respectivos autores, os relatos históricos não passavam de informações esparsas e fragmentadas.

De acordo com Hegel (2001), as representações históricas da Antiguidade Clássica, por estarem ligadas aos mitos, às cações e às particularidades do folclore tradicionalista de cada região, impossibilita, em tempo presente, um pensamento sólido e representativo dos acontecimentos e das ações que aconteceram no passado. O mesmo ocorre com as representações históricas elaboradas pelos bispos e pelos monges da Idade Média.

Na Idade Média, tirando-se os bispos que estavam no centro dos acontecimentos políticos, os monges, simplórios autores de crônicas, estavam tão isolados do curso dos acontecimentos quanto os homens da antiguidade a eles estavam ligados (HEGEL, 2001).

A abundância de descrições técnicas e circunstâncias heroicas das batalhas do Renascimento Europeu, segundo Hegel (2001), rescindem com a verdadeira natureza da história. Pois, além de serem descritas do ponto de vista dos vitoriosos, revogando, desta maneira, a perspectiva histórica dos derrotados da história, estão associadas à particularidade

das ações e das estratégias de guerra. Nessas circunstâncias, os fatos históricos são afastados do elemento universal. Esse panorama é exposto pelo filósofo do seguinte modo:

O historiador descreve aquilo que mais ou menos vivenciou ou o que pelo menos testemunhou como contemporâneo e trata de períodos de tempos breves e da apresentação individual de homens e acontecimentos, compondo seu retrato a partir de configurações individuais não depuradas, afim de leva-los à posteridade de maneira tão distinta como o vivenciou em pessoa ou através das narrativas pessoas de outros. Ele não está preocupado com reflexões *sobre* os acontecimentos. Ele vive o espírito dos acontecimentos, ainda não os transcende. Se como César, ele pertence à categoria dos líderes militares ou políticos, serão os seus próprios objetivos que irão aparecer como história [...]. A verdade é que em geral se diz que foram *apenas* conversas e, supostamente, insignificantes. Uma conversa *desse* tipo é simplesmente tagarelice, e a tagarelice tem grande vantagem de ser historicamente insignificante (HEGEL, 2001, p. 46).

Assim como a *história original*, o método da *história reflexiva* também é refutado por Hegel (2001). Entretanto, diferentemente do método da *história original*, o método da *história reflexiva* distingue-se em quatro tipos: *universal*, *pragmático*, *crítico* e *fragmentário*.

O método da *história universal*, segundo Hegel (2001), está vinculado à análise de toda a história de um povo, de um país ou do mundo. Os historiadores que utilizam esse método, conforme destaca o filósofo, estão preocupados em descrever, de maneira generalizada, as particularidades de todos acontecimentos de um país ou de uma nação. Tentando recompor os fatos históricos do passado no tempo presente, os compiladores não estão em consonância com os espíritos das épocas remotas. Desta maneira, os vereditos costumes, a linguagem corriqueira e a cultura cotidiana dos vários povos do mundo, elementos repletos de pertinentes significados, tornam-se depravados diante da práxis presente alterada pelo tempo. Essa conjuntura é exposta por Hegel (2001, p. 48) do seguinte modo:

O espírito que fala através do escrito é totalmente diferente do espírito da época que ele descreve. Assim, Lívio faz com que seus antigos reis, cônsules e generais romanos falem à maneira dos perfeitos juristas da era leviana, contrastando notavelmente com as legítimas tradições da antiguidade romana.

O método *pragmático* também é rechaçado por Hegel (2001). Se o método da *história universal* destoa a verdadeira natureza dos fenômenos históricos, ao tentar descrever como realmente procederam os fatos históricos do passado, o método *pragmático* tenta desvendá-los através do conjunto de regras e leis que estabeleceram os comportamento sociais, como por exemplo, acontece no *Espírito das Leis* de Montesquieu (1689-1755). Apesar do método *pragmático* revelar interessantes acontecimentos do passado,

As reflexões pragmáticas, não importa o quão abstratas forem, pertencem realmente ao presente, e as histórias do passado são reanimadas para a vida atual. O fato de essas reflexões serem realmente interessantes e cheia de vida depende do espírito do escritor” (HEGEL, 2001, p. 49)

Devido a valoração contingente dos fatos históricos, que depende das particularidades do espírito dos escritores, Hegel (2001), também rejeita o método da histórica *pragmática*. Por buscar a universalidade da história, igualmente, ele ignora o método da história *crítica*.

O método da história *crítica*, conforme afirma Hegel (2001), preenche o conteúdo da história com fantasias subjetivas. Como consequência dessa insuflação imaginária na história, as muitas contradições existentes nos fatos históricos do passado, saltam ao tempo presente, como se fossem monstruosidades para os olhos do exegeta. A quarta e última distinção da *história reflexiva* é apresentada da seguinte maneira:

O último tipo de história reflexiva é o que se apresenta como *fragmentário*. Ela é a sucinta, mas, ao adotar ponto de vista universais – por exemplo, a história da arte, da lei, da religião – forma uma transição para a história filosófica do mundo. Em nosso tempo, essa espécie de história conceitual tem sido especialmente desenvolvida e enfatizada. Esses ramos da história se relacionam ao conjunto da história de um povo; a questão é apenas saber se este contexto total se torna evidente ou se é mostrado apenas nas relações externas (HEGEL, 2001, p. 51).

O método da história *fragmentada* se refere ao percurso histórico-analítico de desenvolvimento dos conceitos, seja a partir da arte, da lei, da religião ou de qualquer outro campo do conhecimento humano. Embora os conceitos analíticos, nessa perspectiva, sejam tratados em termos universais, por serem elaborados a partir de referências empíricas que

foram dissolvidas pelo tempo, apreender a história através do método *fragmentado*, para Hegel (2001), significa orientar-se por propósitos contingentes e acidentais.

Rosenfield (2005) expõe, por um lado a inconstância e a efemeridade dos métodos da história *original e reflexiva* e, por outro, a invariabilidade e constância do método da história *filosófica*, da seguinte maneira:

Uma outra história se faz através daquilo mesmo que pode, às vezes, nos aparecer como insólito. A história como realização do espírito é um outro nome de processo de efetivação da ideia de liberdade. De posse desse novo conhecimento, não nos surpreendemos diante dos fatos, nem nos resignaremos com o ocasional ou contingente. Se permaneceremos no nível do anódino, se centrarmos nosso olhar somente nas ações individuais, se formos prisioneiros de episódios meramente militares, se nos lamentarmos pelo fracasso de determinadas relações jurídicas, perderemos o essencial, a saber, o universal que aí se realiza perpassando o acaso: as ações individuais, os episódios militares e a perda de vigência de determinadas instituições jurídicas (p. 18).

Contrariamente ao método da história *original* e das quatro subdivisões do método da história *reflexiva*, apenas o método da história *filosófica* apreende os conteúdos históricos em termos universais. Por estar ligado diretamente à razão humana, o método filosófico da história é o único capaz de permitir com que a História do Mundo alcance seu *têlos*. Observe-se, na próxima seção do artigo, algumas das principais considerações de Hegel sobre esse método.

II. MÉTODO DA HISTÓRIA FILOSÓFICA.

Entre os métodos apresentados por Hegel necessários para a compreensão absoluta e substancial da História do Mundo, destaca-se o método da história filosófica. Diferentemente do método da história original e da história reflexiva, o método da história filosófica encontra a universalidade no conceito de razão.

Para Hegel (2001) a história não deve ser apreendida em termos particulares. O objetivo da Filosofia da História é encontrar o elemento universal pertencente a todo e qualquer povo que, através do curso temporal e espacial, deixou marcas no mundo. Entretanto, tal universalidade não é encontrada em fatores exteriores a mente humana, em

marcas empíricas deixadas pelo homem no mundo. Todas as suposições exteriores a mente humana são subjetivas, por isso, apesar delas pressuporem a objetivação do espírito no mundo, não estão vinculadas diretamente a finalidade da História do Mundo. Nesse sentido é importante destacar:

A palavra ‘mundo’ inclui a natureza física e a natureza psíquica. A natureza física desempenha um papel na história do mundo e, desde o começo, devemos chamar a atenção para as relações naturais fundamentais envolvidas nisso. Mas o Espírito e o rumo de seu desenvolvimento são a matéria da história. Não devemos contemplar a natureza como um sistema racional em si, em seu domínio particular, mas apenas em relação com o Espírito (HEGEL, 2001, p. 61).

Como uma antítese ao mundo natural, ao domínio da natureza, o homem pertence ao reino do espírito. Dessa relação entre o mundo natural (Tese) e o espírito do homem (Antítese), temos a pressuposição fundamental na investigação da História do Mundo: a natureza humana que, nessa perspectiva dialética, está associada a Síntese. Portanto, a causa objetiva e substancial que deve ser apreendida no curso da História do Mundo é a natureza humana² pois, de acordo com Hegel (2001), além de ser um conceito universal, ela é presente em todos os povos e civilizações que viveram através dos tempos. Essa situação é bem apresentada pelo filósofo da seguinte maneira:

Por isso é interessante, no correr da história apreender a conhecer a natureza espiritual em sua existência, ou seja, o ponto em que se unem o Espírito e a Natureza, que integram a natureza humana. Ao falar de natureza humana, queremos dizer algo permanente. O conceito de natureza deve adaptar-se a todos homens e a todas as eras, passado e presente. Este conceito universal poderá passar por infinitas modificações, mas, na verdade, o universal é a mesmíssima essência em suas mais variadas modificações. A reflexão racional menospreza as variações e atém-se ao universal, que sob todas as circunstâncias está ativo na mesma modalidade e se manifesta no mesmo interesse (HEGEL, 2001, p. 61-62).

Em conformidade com Hegel (2001) o espírito humano possui uma essência. Enquanto o homem for ativo no domínio do espírito ele estará em busca dela. Intrínseca ao

² Hegel (2001) usa o termo *natureza do espírito* como sinônimo do termo *natureza humana*.

mundo do espírito, a essência - afirmada pelo filósofo como a Ideia de Liberdade – precisará, necessariamente, objetivar-se no mundo para que a História do Mundo alcance seu *têlos*.

Todavia, para o homem alcançar a Ideia de Liberdade e objetivar no mundo seu espírito, permitindo deste modo que a História do Mundo alcance a finalidade pela apreensão do universal, é preciso que ele mergulhe no mais profundo grau de sua consciência. É nas profundezas íntimas da Razão que se encontra a essência do espírito. Voltando-se ao âmago de sua consciência o homem deve abarcar a Ideia de Liberdade para alcançar a finalidade da História do Mundo: a determinação do espírito no mundo em si. Essa condição é apresentada por Hegel (2001, p. 62) da seguinte maneira: “Ao contemplar a história do mundo, devemos considerar seu objetivo final. Este objetivo final é aquilo que é determinado no mundo em si”.

Para buscar a unidade do ser, o espírito deve, necessariamente, dirigir-se em direção a natureza humana. Imergindo em busca da essência na interioridade do ser, o espírito, gradativamente, compreende-se a si mesmo na medida em que alcança os mais profundos níveis subjetivos do intelecto humano. Nesse sentido,

O Espírito conhece a si mesmo. Ele é a capacidade de discernir de sua própria natureza e, ao mesmo tempo, é a operação de chegar a si mesmo, de se mostrar, de tornar-se (realmente) aquilo que está em si (potencialmente). Seguindo esta definição abstrata, pode-se dizer que a história do mundo é a exposição do espírito em luta para chegar ao conhecimento de sua própria natureza (HEGEL, 2011, p. 66).

O pressuposto inevitável que leva o espírito ao conhecimento de si, segundo o filósofo, é a reflexão racional. É ela que permite a apreensão da natureza humana. Todavia, para que a História do Mundo alcance sua finalidade, a Ideia de Liberdade precisa se efetivar no mundo. Ela tem que deixar de ser uma categoria lógica-abstrata para se tornar objetividade mundana. É nesse movimento dialético de interiorização e exteriorização do espírito que, consiste o cerne da Filosofia da História de Hegel.

Discernindo sobre sua própria natureza o espírito reconhece, em sua interioridade, a potencialidade da Ideia de Liberdade. Ela precisa se desenvolver no mundo exterior para que a História do Mundo apreenda o elemento universal de todos os povos: a racionalidade humana. É Apenas o voltar-se a si que possibilita o salto do espírito, carregando consigo a Ideia de Liberdade para o mundo exterior. Diante desse panorama, a dialética hegeliana se torna evidente quando o filósofo mostra que:

A questão dos *meios* pelos quais a Liberdade se desenvolve em um mundo nos leva diretamente ao fenômeno da história. Embora a Liberdade em si seja essencialmente uma ideia interior não desenvolvida, os meios que ela usa são os fenômenos exteriores que na história se apresentam diretamente aos nossos olhos (HEGEL, 2001, p. 66).

Permanecendo adormecida na interioridade íntima do ser, a Ideia de Liberdade não passa de um princípio sem realidade. Porém, a possibilidade de desenvolvimento, de salto para o mundo exterior, está implícito nessa essência. A disposição para o objetivo no mundo exterior, de acordo com Hegel (2001), dar-se-á mediante outro conceito fundamental do método da história filosófica: a vontade.

De acordo com Hegel (2001) o princípio de exteriorização da Ideia de Liberdade é a vontade. É ela que objetiva a essência do espírito no mundo. Despertada pelas inclinações exteriores, a vontade do espírito transpõe a Ideia de Liberdade no mundo, permitindo com que a História do Mundo apreenda, em termos universais, a natureza humana. Essa Síntese dialética, portanto, está vinculada diretamente a finalidade, ao *têlos*, da História do Mundo. Essa conjuntura é bem apresentada pelo filósofo da seguinte maneira:

O princípio disso é a vontade, a atividade do homem em geral. É somente através dessa atividade que o conceito e suas determinações implícitas ('sendo-em-si-mesmas') podem ser realizadas, efetivadas, pois, por si, elas são impotentes. A atividade que as coloca em funcionamento e em existência é a necessidade, o instinto, a inclinação e a paixão do homem. Quando tenho uma ideia, fico muito interessado em transformá-la em ação, em realidade (HEGEL, 2001, p. 67).

Enquanto categoria abstrata subsidiada na interioridade da razão, na consciência, a Ideia permanece como uma categoria lógica vinculada ao subjetivismo particular. Na medida em que o espírito é despertado pelas aspirações acidentais e pelas declinações das paixões e volta-se para si mesmo, despertando a vontade, o processo de desenvoltura exterior do espírito, a partir do interior, segue rumo à objetividade no mundo para tornar-se o que realmente é em sua essência. Objetivada a natureza humana no mundo exterior, a História do Mundo repousa na tarefa de compreender o espírito humano em sua forma implícita universalizada, em seu estado absoluto. Com isso, fica claro que:

[...] a palavra ‘paixão’ expressa a particularidade de um caráter até onde suas vontades individuais não tenham apenas um conteúdo especial, mas proporcionem também a força que age e dá impulso a efeitos de alcance universal. Assim, a paixão é o aspecto subjetivo e formal da energia, da vontade e da atividade, cujo conteúdo e objetivo, a essa altura não estão determinados (HEGEL, 2001, p. 70).

É necessário salientar que a universalidade do espírito, isto é, a natureza humana, é determinada em sua forma completa apenas quando objetivada no mundo exterior. Aqui, a expressão máxima da Ideia está ligada a contemplação do espírito em si na realidade concreta. É nesse sentido que Hegel (2001, p. 70) afirma que:

Os imensos acúmulos de vontades, interesses e atividades constituem os instrumentos e meios para que o Espírito do Mundo atinja seu objetivo, trazendo-o à consciência e percebendo seu significado. Este objetivo não é outro senão a descoberta de si mesmo – a volta a si – e o contemplar-se na realidade concreta.

As inclinações, desta maneira, constituem o despertar da vontade do espírito. Entretanto, para a vontade despertar o espírito é necessário que, no processo de exteriorização ao mundo empírico, o espírito não depreenda-se da essência de sua natureza, da Ideia. O espírito precisa transpor consigo a essência no mundo exterior, para torna-la objetiva. No mundo exterior, por sua vez, o espírito deve voltar-se a si para contemplar a Ideia em seu estado objetivo, para se tornar absoluta. Assim, a universalidade da razão deve ser compreendida pela História do Mundo, para que esta cumpra sua finalidade, seu *têlos*.

Objetivado o espírito no mundo exterior, a Ideia de Liberdade contrasta originalmente com aquele primeiro estágio subjetivo em que ela estava adormecida no mais profundo nível da consciência. Através da vontade do espírito, despertada pela superioridade da Razão diante das inclinações exteriores do mundo, a Ideia transpõem-se na realidade concreta para se tornar objeto universal de investigação da História do Mundo, desde que, no mundo objetivo o espírito volte a contemplar a si mesmo para tornar a Ideia absoluta. Fica claro assim que:

Essa união de dois extremos – personificação de uma ideia geral na realidade imediata e a elevação de uma particularidade à verdade universal – ocorre sob a

condição da diversidade e da indiferença de cada um dos dois extremos para com o outro (HEGEL, 2001, p. 76).

Enquanto conceito abstrato a Ideia não ultrapassa seu estágio subjetivo. O subjetivismo da Ideia, neste sentido, corresponde ao seu estado inerte nas profundidades da consciência, sendo apenas particularidade. As paixões despertam o espírito. Entretanto, para que a Ideia desvencilhe-se da particularidade é necessário que a Razão, no despertar do espírito com as inclinações acidentais, interiorize-se rumo à natureza humana. Encontrando a essência adormecida na natureza humana, uma vez que a vontade já fora despertada pelas paixões e a Razão mostrou sua força diante dos acidentes, o espírito a desenvolve em direção à realidade concreta. Em seu estado objetivo, o espírito deve contemplar a Ideia para torná-la universalizada. Dada a universalização da Ideia, a História do Mundo repousa nela para alcançar sua finalidade: apreender a natureza humana. Essa situação é apresentada por Hegel (2001, p. 82) do seguinte modo:

O interesse especial da paixão é, portanto, inseparável da realização do universal, pois o universal resulta do particular e definido e de sua negação. O particular tem seu papel a desempenhar na história do mundo, ele é finito e, como tal, deve extinguir-se. É o particular que se esgota na luta, onde parte dele é destruída. O universal resulta precisamente desta luta, da destruição do particular. Não é a Ideia geral que se envolve em oposição e luta expondo-se ao perigo, ela permanece no segundo plano, intocada e incólume. Isto pode ser chamado de *astúcia da razão* – porque deixa as paixões trabalharem por si, enquanto aquilo através do qual ela se desenvolve paga o preço e sofre a perda. O fenomenal é que em parte é negativo e em parte positivo. Em geral o particular é muito insignificante em relação ao universal, os indivíduos são sacrificados e abandonados. A Ideia paga o tributo da existência e da transitoriedade, não de si mesmo, mas das paixões dos indivíduos

Diante de todos esses raciocínios desenvolvidos até o momento, pode-se perceber em Hegel (2001) um importante e significativo manancial teórico responsável por influenciá-lo na estruturação de sua Filosofia da História, a saber: o Providencialismo Cristão. O próprio filósofo destaca no decorrer de seu texto que o método da história filosófica é uma teodiceia.

Visto que a universalização da Ideia no mundo concreto dar-se-á mediante o desenvolvimento desta através da vontade, da interioridade à exterioridade, da subjetividade à objetividade, em um movimento dialético de autocontemplação do espírito, Hegel (2001)

assevera que, essa busca pela essência da natureza humana corresponde aos propósitos de Deus.

Estando a busca pela natureza humana associada aos desígnios de Deus, logo, a finalidade da História do Mundo corresponde aos intentos da Providência. A objetivação da Ideia no mundo exterior, de acordo com Hegel (2001), está vinculada ao objetivo de Deus. Neste sentido, a própria natureza de Deus está vinculada a Ideia de Liberdade. O mundo exterior, o mundo das paixões, como afirma o filósofo, não está jogado ao acaso “[...] mas, é controlado pela *Providência*” (p. 56). Assim, planejando o mundo das paixões Deus leva o homem ao conhecimento da essência do seu espírito. Todavia, o plano da Providência permanece tênue a vista do espírito, levando ele, conforme os propósitos divinos, ao autoconhecimento. O autor destaca que:

Ao contemplar a história do mundo, devemos considerar seu objetivo final. Este objetivo final é aquilo que é determinado no mundo em si. De Deus sabemos que é o mais perfeito, Ele pode controlar apenas a si mesmo e ao que é como Ele. Deus e a natureza de Sua vontade são a mesma coisa; a isto chamamos, filosoficamente, a Ideia. Por isso temos de contemplar à Ideia em geral, em sua manifestação como espírito humano. Mais precisamente, a Ideia de liberdade humana. A mais pura forma em que a Ideia se manifesta é o Pensamento em si (HEGEL, 2001, p. 62).

A expressão do Providencialismo na Filosofia da História de Hegel, inclui dentro de si aspectos racionais. Estes, são oriundos da força - da vontade - que desenvolve o espírito em direção a universalidade. É a manifestação da Ideia de Liberdade no mundo objetivo, dada pela contemplação da essência da natureza humana na realidade concreta, que indica sua correspondência com o Providencialismo pois, a Providência divina é a sabedoria dotada de infinito poder que realiza seu objetivo, ou seja, o objetivo final, racional e absoluto do mundo. A Razão é o Pensamento determinando-se em absoluta liberdade (HEGEL, 2001).

Assim, a Razão torna-se, além de universal, a força capaz de realizar a natureza humana no mundo concreto. A exposição da Razão no mundo exterior e o seu retorno ao estado abstrato, não mais subjetivo, porém absoluto, está vinculada a infinitude divina e, como conceito universal, deve oferecer o plano para a finalidade da História do Mundo. Todavia, objetivada a Ideia no mundo concreto e o reconhecimento desta mediante a interiorização do espírito rumo a natureza humana, novamente, temos a Ideia em termos abstratos,

correspondendo dialeticamente, deste modo, à antítese da subjetividade particular. Nestes termos, a Ideia torna-se absoluta em seu mais perfeito estado substancial, realizada em si e por si. A Ideia absoluta é, por um lado, a plenitude material do conteúdo e, por outro lado, a vontade livre abstrata.

Assim, ela é o Absoluto em si tornando finito. A reflexão em si, a consciência própria individual, é a antítese da Ideia absoluta e, por isso, a Ideia em finidade Absoluta. Esta finidade, o apogeu da liberdade, este conhecimento formal – quando relacionados com a glória de Deus ou com a Ideia absoluta que reconhece o que deve ser – é o solo em que o elemento espiritual do conhecimento como tal está caindo, ele assim constitui o aspecto absoluto de sua realidade, embora permaneça apenas formal (HEGEL, 2001, p. 72-73).

De acordo com o filósofo, a Ideia Absoluta não é subordinada a nenhuma particularidade. Ela existe nos indivíduos, desde que seja desenvolvida pela Razão, como essencialmente eterna e divina. Esse objetivo racional – desenvolver a Ideia em direção ao seu mais completo estado, o absoluto – requer, a contemplação da natureza humana na interioridade da consciência e o reconhecimento do espírito à Ideia, no mundo objetivo. Só assim, a Ideia volta-se a seu estado abstrato, porém absoluto.

É o encantamento do Espírito diante da Ideia no mundo objetivo, que a torna absoluta. Essa universalidade, por sua vez, necessita da realidade concreta para realizar-se. Se a Ideia permanecer no mundo objetivo, sem interioriza-se novamente em direção à natureza humana, em um movimento dialético, Hegel (2001) mostra que, ela corresponde a interesses particulares. Estando associada a particularidades a Ideia não alcança sua universalidade. E, assim, não há finalidade na História do Mundo. Por isso,

Ao privilegiarmos a acepção de ideia da liberdade, conceberemos a história como um longo - e sofrido – processo de realização desta ideia, que nasce com a liberdade um no mundo oriental (a liberdade do monarca), passando pela liberdade de poucos no mundo greco-romano, para chegar à liberdade de todos no mundo moderno, cujo desfecho político é a Revolução Francesa. E todo esse processo é escalonado por determinações propriamente ditas da ideia de liberdade, como liberdade de propriedade, de expressão, de pensamento, de culto religioso e de participação/representação política. E cada uma destas determinações pode ser

localizada preferencialmente em certos momentos históricos (ROSENFELD, 2005, p. 17).

A força do retorno da Ideia, do exterior para o interior, do objetivo ao absoluto, que, nessa perspectiva, corresponde a antítese da subjetividade, de acordo com Hegel (2001), é potencializada pela religião e pela moral. Segundo o filósofo, a religião e a moral possuem as mesmas características do espírito, a saber: conceitos lógicos e racionais. É na ligação entre as terminologias lógicas, da religião e da moral com o espírito que, a Ideia torna-se absoluta. Em suas palavras:

A religião e a moral, como essências universais em si, têm características de estar presentes na alma individual em conformidade a seus conceitos e portanto verdadeiramente, embora possam não estar representadas ali elaboradas por inteiro e aplicada a condições completamente desenvolvidas (HEGEL, 2001, p. 86).

Regressando novamente à natureza humana a Ideia de liberdade é manifesta no espírito, em seu estado absoluto. O homem passa a agir conforme suas vontades, as quais, estão diretamente ligadas a Providência. Compreendendo Deus, o espírito do homem torna-se rico diante do reconhecimento da essência que, em um primeiro momento estava adormecida em si. O reconhecimento desta pelo espírito, guiado até a essência através da vontade - que fora desperta pela superioridade da razão a frente das paixões - e, desenvolvidos e superados os estágios subjetivo e objetivo, a Ideia torna-se absoluta e universal para ser compreendida, finalmente, pela História do Mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O percurso que apreendeu-se até aqui, objetivava, em um primeiro momento, identificar as principais críticas de Hegel aos métodos da *história original* e as quatro distinções do método da *história reflexiva*. Investigando esses aspectos, conseguimos obter as ferramentas necessárias para avançarmos e compreendemos, sucintamente, o método da *história filosófica* de Hegel. Assim, tivemos a oportunidade de acompanhar, brevemente, a maneira pela qual ele desenvolve seu projeto filosófico, partindo de uma análise universal da

história, pautada na apreensão da razão humana. Nesse sentido, as prerrogativas do autor levam aos seguintes esclarecimentos:

a) O *têlos* da História do Mundo não é alcançado pelo método da *história original* e nem pelos métodos da *história reflexiva*. Por estarem vinculados às particularidades e as contingências do mundo exterior, estes métodos são rejeitados por Hegel. O que o filósofo almeja, é apreender a história em termos universais. Desse modo, o *têlos* da História do Mundo é alcançado, se e somente se, for apreendida a ideia de liberdade em seu estado absoluto.

O estado absoluto da Ideia de Liberdade requer as passagens pelo estamento subjetivo e objetivo. Enquanto a essência permanecer adormecida na consciência, não passará de um motor sem combustível. No instante em que o espírito abastece a ideia de liberdade com a vontade, a essência, com movimento rumo a exterioridade, objetiva-se no mundo concreto. Na realidade empírica, para tornar-se absoluta, a Ideia deve contemplar-se a si mesma, para em um movimento dialético, mergulhar, novamente, no âmbito abstrato. Todavia, mesmo sendo categoria lógica, a liberdade torna-se absoluta por ter sido exteriorizada e interiorizada pela vontade do espírito. Tal situação depreende um segundo esclarecimento:

b) O estado absoluto da Ideia de Liberdade é universal. Tal universalidade é alcançada, unicamente, pelo movimento dialético da razão. A realização do estado absoluto da Ideia, nesses termos, necessariamente, está vinculado a infinitude divina. Assim, o movimento dialético do espírito corresponde aos intentos da providência. Logo, o *têlos* da História do Mundo está ligado à um providencialismo de aspecto puramente racional. Portanto, apreender a História do Mundo através do método da *história filosófica*, significa apreender a história em termos universais e estar em consonância com os propósitos de Deus.

Para que a História do Mundo alcance sua finalidade, necessariamente, a Ideia de Liberdade deve estar em seu estado absoluto. Ela torna-se absoluta, se e somente se, perpassar pelos estados subjetivos e objetivos. No estado absoluto, a Ideia, igualmente a Deus, é perfeita. Não estando subordinada a qualquer contingência ou particularidade mundana, a História do Mundo é apreendida através da universalidade da razão.

Finalizando este artigo, ressalta-se que apenas tentou-se apresentar, através da leitura do texto de um dos principais personagens de todos os tempos, o projeto de Filosofia da História de Hegel. Os conceitos que foram desenvolvidos neste artigo, mesmo de modo específico e sucinto, abrem caminho para estudantes e profissionais pesquisarem a filosofia da

história de estética de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Com isso, a escolha do tema deste artigo, preocupou-se em desenvolver, dentro do possível, o método da *história filosófica* e os conceitos específicos de *Ideia de Liberdade, Vontade e Têlos* da História do Mundo.

REFERÊNCIAS:

- FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: As origens da ontologia do ser social*. São Paulo, SP: Cortez, 1995
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo, SP: Centauro, 2001.
- REALE, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia 5: Do romantismo ao empiriocriticismo*. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Coleção História da Filosofia).
- ROSENFELD, L, Denis. *Hegel*. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar ed, 2005. (Coleção Passo a Passo).